

A RESILIÊNCIA DA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO PARANAENSE

Guilherme Amorim*

A divulgação da Pesquisa Industrial Anual (PIA) de 2020, pelo IBGE, permite que sejam avaliadas as circunstâncias da evolução do setor no Estado e que se infira sua trajetória futura. Dada a pequena participação do setor extrativo no valor da transformação industrial (VTI) paranaense (0,78%), este texto se concentrará nos ramos da indústria de transformação.

Houve desconcentração da indústria brasileira na década entre 2010 e 2020, com perda de importância relativa de São Paulo e incrementos significativos por parte do Rio de Janeiro, Santa Catarina e Goiás (tabela 1). As participações de Minas Gerais e Paraná, em menor medida, também cresceram. Destacam-se nesse período, ainda, a crescente parcela do VTI gerada pelos estados menos industrializados do País e a declinante proporção do Amazonas, a despeito dos crescentes gastos tributários concedidos à Zona Franca de Manaus.

TABELA 1 - DISTRIBUIÇÃO DO VALOR DA TRANSFORMAÇÃO INDUSTRIAL - INDÚSTRIAS DE TRANSFORMAÇÃO - UNIDADES DA FEDERAÇÃO - 2010-2015-2020

UNIDADE DA FEDERAÇÃO	PART. ANUAL (%)		
	2010	2015	2020
São Paulo	40,78	37,22	34,49
Minas Gerais	10,10	9,52	10,32
Rio de Janeiro	7,95	7,24	9,41
Paraná	7,73	7,89	7,88
Rio Grande do Sul	7,68	8,16	7,78
Santa Catarina	5,29	6,01	6,45
Bahia	4,44	4,59	4,15
Goiás	2,34	2,95	3,30
Amazonas	3,83	3,55	3,26
Demais Unidades da Federação	9,87	12,88	12,95

FONTE: IBGE - Pesquisa Industrial Anual - Empresa

Percebe-se nessa década que a fabricação de produtos alimentícios adquiriu proeminência no VTI paranaense. A participação dessa atividade, tradicionalmente robusta, se avolumou ante as dificuldades enfrentadas por segmentos que com ela rivalizavam em relevância em 2010, notadamente o de refino de petróleo e produção de biocombustíveis e o de fabricação de veículos automotores (tabela 2). Os dois vetores de expansão da fabricação de alimentos foram os ramos de abate e fabricação de produtos de carne e de óleos e gorduras vegetais e animais. O primeiro respondia por 24,45% do VTI da indústria de alimentos paranaense em 2010 e passou a deter 35,85% dele em 2020. O segundo passou de 9,83% para 17,70% no mesmo período.

* Economista, técnico da equipe permanente desta publicação.

TABELA 2 - VALOR DA TRANSFORMAÇÃO INDUSTRIAL, SEGUNDO ATIVIDADES ECONÔMICAS - INDÚSTRIAS DE TRANSFORMAÇÃO - PARANÁ - 2010-2015-2020

ATIVIDADE	2010		2015		2020	
	VTI (R\$)	Part. (%)	VTI (R\$)	Part. (%)	VTI (R\$)	Part. (%)
Produtos alimentícios	11.360.509	20,22	21.206.931	28,13	30.924.538	30,96
Coque, produtos derivados do petróleo e biocombustíveis	9.082.304	16,17	8.266.143	10,97	9.850.297	9,86
Veículos automotores, reboques e carrocerias	9.507.400	16,92	9.317.077	12,36	7.931.302	7,94
Celulose, papel e produtos de papel	2.477.370	4,41	4.710.312	6,25	7.092.457	7,10
Produtos químicos	2.634.267	4,69	4.070.269	5,40	6.609.988	6,62
Produtos de madeira	1.793.335	3,19	2.856.255	3,79	5.013.105	5,02
Máquinas e equipamentos	3.117.244	5,55	3.595.248	4,77	4.563.982	4,57
Produtos de metal, exceto máquinas e equipamentos	1.673.623	2,98	2.232.617	2,96	3.210.153	3,21
Produtos de borracha e de material plástico	1.326.668	2,36	2.202.060	2,92	3.067.215	3,07
Produtos de minerais não-metálicos	1.778.578	3,17	2.642.211	3,50	2.898.040	2,90
Máquinas, aparelhos e materiais elétricos	1.580.405	2,81	1.803.402	2,39	2.858.251	2,86
Móveis	1.396.836	2,49	2.139.020	2,84	2.715.230	2,72
Bebidas	1.177.211	2,10	1.689.804	2,24	2.276.742	2,28
Produtos farmoquímicos e farmacêuticos	382.907	0,68	812.562	1,08	1.420.526	1,42
Demais atividades	6.887.367	12,26	7.840.380	10,40	9.455.535	9,47
TOTAL	56.176.024	100,00	75.384.291	100,00	99.887.361	100,00

FONTE: IBGE - Pesquisa Industrial Anual – Empresa

NOTA: Valores correntes

O dinamismo do processamento de carne é corroborado pela Pesquisa Trimestral do Abate de Animais (IBGE). Em 2020, a quantidade de frangos abatidos, em peso, foi 48,09% maior que a de 2015 e 65,56% superior àquela de 2010. Sob essa métrica, desde 2003 o Paraná é o maior produtor de carne de frango do País. O abate de suínos, por sua vez, apresentou elevação de 38,48% frente a 2015 e de 76,19% ante o patamar de 2010. A partir de 2016, o Paraná se tornou o segundo maior produtor de carne suína do Brasil, ao ultrapassar o volume abatido no Rio Grande do Sul. Em 2020, o Estado respondeu por 20,89% da carne suína processada no País. No tocante à carne bovina, ainda que os abates locais tenham representado apenas 4,60% das 7,8 milhões de toneladas produzidas nacionalmente em 2020, o segmento respondeu por 4,26% do Valor Bruto da Produção (VBP) do Paraná¹, com montante de R\$ 5,47 bilhões nesse ano. Entre 2010 e 2020, a produção mensurada através do peso das carcaças cresceu 6,21%.

A perda de importância relativa do refino de petróleo e produção de biocombustíveis é parcialmente explicada pela estagnação, desde 2013, da capacidade instalada de processamento da Refinaria Presidente Getúlio Vargas (Repar), em Araucária. Ademais, se entre 2008 e 2010 os preços de gasolina e diesel praticados pela Petrobras estiveram acima dos internacionais, como meio de capitalização para investimentos, eles foram mantidos abaixo das cotações entre 2011 e 2014.² Uma vez que o VTI é calculado pela diferença entre o Valor Bruto da Produção Industrial (VBPI) e os custos das operações, houve drástica redução nesse montante. Essa política prejudicou, outrossim, as usinas produtoras de etanol. Dessa forma, o VTI da atividade de refino de petróleo e produção de biocombustíveis, em valores correntes, foi, em 2014, 36,19% inferior ao de 2011, ápice da série histórica da pesquisa.

A menor participação da fabricação de veículos automotores ao longo da década resulta de processos distintos. Em 2020, a necessidade de adaptar as linhas de produção às medidas de contenção da disseminação da pandemia reduziu o volume de horas trabalhadas. Paralelamente, a falta de componentes importados por problemas logísticos exigiu que turnos fossem cancelados ou a produção fosse paralisada. O declínio de longo prazo da atividade está associado à readequação do modelo de produção a uma realidade

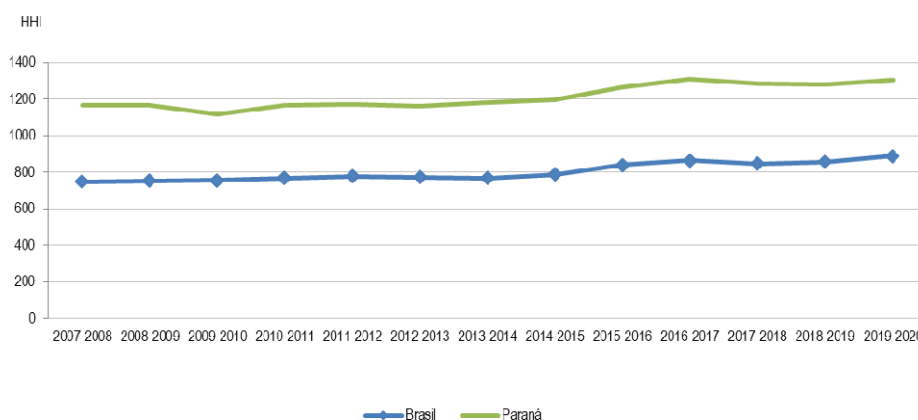
¹ Dados do Departamento de Economia Rural, da Secretaria da Agricultura e do Abastecimento.

² ODDONE, D. Preços dos combustíveis. In: MENDES, M. (org.). **Para não esquecer**: políticas públicas que empobrecem o Brasil. 1.ed. Rio de Janeiro: Editora Autografia, 2022. p.474-512. E-book Kindle.

em que subsídios e incentivos tributários se tornaram inviáveis, ao mesmo tempo em que o endividamento das famílias, a estagnação da renda e o encarecimento do crédito minaram a demanda por automóveis. Para além disso, houve retração das exportações desses veículos, ainda que a competitividade externa de caminhões e ônibus tenha se mantido.

O gigantismo da fabricação de alimentos do Estado torna sua atividade industrial menos diversificada, mesmo com o impulso conferido pela demanda externa a outras atividades. Essa concentração cresceu recentemente (gráfico 1), mas não se pode afirmar que seja uma tendência consolidada.

GRÁFICO 1 - CONCENTRAÇÃO DO VALOR DA TRANSFORMAÇÃO INDUSTRIAL - INDÚSTRIA DA TRANSFORMAÇÃO - BRASIL E PARANÁ - 2007-2008-2019-2020



FONTE: IBGE - Pesquisa Industrial Anual – Empresa

NOTAS: Dados trabalhados pelo IPARDES.

Utilizou-se o Índice Herfindahl-Hirschman de concentração.

A inserção de bens da indústria paranaense no mercado internacional é superior à média nacional (tabela 3), ainda que represente apenas 5,62% do VBPI. Dado o pequeno grau de abertura da economia brasileira, essa proporção não é frustrante. Têm contribuído em taxas crescentes para essa participação internacional as atividades de fabricação de papel e celulose e de produtos de madeira. Neste último caso, destacam-se as mercadorias empregadas na construção civil, mormente residencial.

TABELA 3 - VALOR BRUTO DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL E EXPORTAÇÕES DE PRODUTOS INDUSTRIALIZADOS - INDÚSTRIA DA TRANSFORMAÇÃO - 2020

REGIÃO	VBPI (mil reais)	EXPORTAÇÃO DE INDUSTRIALIZADOS			PART. (%)
		Semimanufaturados (mil reais)	Manufaturados (mil reais)	Total (mil reais)	
São Paulo	1.101.409.528	23.856.831	63.789.518	87.646.349	7,96
Minas Gerais	337.509.646	5.234.580	6.751.845	11.986.426	3,55
Paraná	276.809.730	5.237.854	10.316.954	15.554.808	5,62
Rio Grande do Sul	272.702.027	509.154	15.154.213	15.663.367	5,74
Rio de Janeiro	221.231.812	1.661.033	7.461.620	9.122.653	4,12
Santa Catarina	208.448.382	112.491	9.556.748	9.669.238	4,64
Brasil	3.340.778.211	44.614.429	125.658.103	170.272.533	5,10

FONTES: IBGE - Pesquisa Industrial Anual - Empresa, Ministério da Economia - SECEX, BCB-DSTAT

NOTA: Conversão pela taxa de câmbio média anual do dólar americano.

Para além dos entraves crônicos à expansão da Indústria, como o anfigúrico sistema tributário e as deficiências de infraestrutura e formação de pessoal, os cenários de curto e médio prazos não inspiram otimismo. No curto prazo, a inflação global tem exigido a implementação de taxas de juros mais restritivas pelos principais bancos centrais, o que tende a retrair fluxos de financiamento externo e de comércio. Esse quadro tem provocado revisões em planos de investimento pelo setor industrial, diante de menores volumes produzidos após aumentos de preços.

No médio prazo, a produtividade dependerá do uso intensivo de robótica, mesmo em setores de menor valor agregado. A previsibilidade de fornecimento e custo de energia, elemento essencial do planejamento do setor, ainda depende de rearranjos institucionais incertos e da velocidade de incorporação de tecnologias de geração e conservação. Nesse sentido, o aumento da autogeração é a melhor evidência da capacidade de adaptação do setor às restrições de oferta. Por outro lado, as perspectivas de conclusão de amplos tratados comerciais são tão fósmeas quanto aquelas de política fiscal crível por parte do governo central, o que sugere que maior integração internacional e taxas de juros em patamares próximos das economias centrais se encontram distantes.